

O jornalismo visto de fora

Os estudos europeus da comunicação em congresso

A comunidade científica europeia da comunicação reuniu-se durante três dias à beira do Mediterrâneo. Os estudos do jornalismo reflectiram o período de mudança que o sector está a atravessar, num encontro em que a participação portuguesa mostrou a vitalidade e consistência das ciências da comunicação nacionais.

Texto **Ana Jorge**

A diversidade que caracteriza os estudos da comunicação era bem visível quando os cerca de 1000 participantes no congresso se distribuíam pelas 15 salas, cada uma dedicada a uma secção temática da ECREA, a associação europeia da pesquisa em educação e em comunicação. Num encontro dedicado às políticas de comunicação e cultura na Europa, a secção dos estudos do jornalismo reflectiu durante três dias, em 10 painéis temáticos, as mudanças que se fazem sentir no sector.

O vice-presidente da secção Ramón Salaverría, professor de Jornalismo da Universidade de Navarra, considera que a pesquisa nesta área assinalou “as mudanças que a profissão jornalística está a experimentar, a vários níveis,



por causa do impacto da tecnologia digital”. Vários estudos focaram “a evolução das práticas e valores profissionais dos jornalistas, os novos contextos e fluxos de trabalho, e até as novas formas narrativas da informação”. O jornalismo europeu tem sido desafiado sobretudo “pela interactividade e pelo crescente protagonismo dos utilizadores no processo informativo”, num processo que pode vir a alterar a profissão, as organizações e o próprio discurso jornalístico.

VALORES EM CRISE?

A cultura profissional dos jornalistas enfrenta vários desafios, num contexto de concorrência cada vez mais aguerida, de crise económica, de mudança das tecnologias e



das próprias organizações jornalísticas. Pode falar-se de crise, ou de mudança?

São precisamente momentos de crise, como estes que vivemos ou em acontecimentos isolados, que desafiam as instituições jornalísticas e podem revelar as suas fragilidades. O caso do 11 de Setembro foi já amplamente discutido, mas a cada acontecimento inesperado os media noticiosos enfrentam dificuldades em colocar em prática os valores éticos na base do jornalismo. E nem sempre se podem circunscrever estas dificuldades a certos países e culturas mediáticas mais inconsistentes. Um estudo apresentado no congresso, de Laura Juntunen, da Finlândia,

Num encontro dedicado às políticas de comunicação e cultura na Europa, a secção dos estudos do jornalismo reflectiu durante três dias, em 10 painéis temáticos, as mudanças que se fazem sentir no sector

analisou o caso da escola de Jokela em Novembro de 2007, em que um jovem assassinou oito pessoas e se suicidou em seguida. A cobertura noticiosa despoletou uma guerra nas versões *online* dos jornais finlandeses, em enquadramentos sensacionalistas, o que motivou posteriormente um debate sobre a ética jornalística, proveniente “especialmente dos

jovens de Jokela, que estavam profundamente insatisfeitos com o modo como foram tratados pelos media”: acusavam os media de fazerem dinheiro com a tragédia, entrevistando e fotografando jovens traumatizados. As entrevistas da investigadora a jornalistas permitiram-lhe



FOTO: ANA JORGE

1000 participantes de 40 países

Foram quase 1000 pessoas de 40 países que rumaram a Barcelona para participar na Conferência Europeia de Comunicação, dedicada ao tema “Políticas de comunicação e cultura na Europa”, entre 26 e 28 de Novembro. Ao longo de três dias, foram apresentadas cerca de 750 comunicações em 140 sessões.

Este evento, acolhido pela Universidade Autónoma de Barcelona, foi a segunda conferência geral da associação ECREA, depois da junção de duas associações europeias. A associação, agora com três anos de existência, conta já com 1500 associados, provenientes da pesquisa e ensino da comunicação e afirma-se como um fórum de primeiro plano no espaço europeu nesta área científica.

A terceira Conferência será realizada em Hamburgo, na Alemanha, em Outubro de 2010, com o tema “Comunicação Transcultural – Comparações Interculturais”.



FOTO: ORIOL GRIMA



concluir que esse processo jornalístico revelou as fragilidades do jornalismo face aos processos de “mudança no ambiente mediático, o rápido desenvolvimento tecnológico e a mercantilização geral e, ao mesmo tempo, uma certa instabilidade nas estruturas e nos valores básicos do jornalismo”. Por outras palavras, o jornalismo está ainda a adaptar-se às mudanças e à pressão crescente e impiedosa do tempo imposta pelas tecnologias e pelo controlo crescente sobre a gestão.

Mas se este debate crítico sobre os media acontece na Finlândia, como também reconhece Epp Lauk, da universidade estónia de Tartu, fica a dever-se ao tipo de cultura jornalística e da sociedade civil do país: a Finlândia tem uma longa tradição de auto-regulação e auto-reflexão crítica do jornalismo, com o primeiro código de ética estabelecido em 1958. Os media finlandeses “estão abertos ao debate crítico e muito sensíveis a qualquer violação das boas práticas jornalísticas”, ao contrário da Estónia pós-comunista, ainda a aprender a lidar com os



limites da liberdade de imprensa e a auto-regulação.

Assim, embora seja cada vez mais premente num contexto de mercantilização e de mudança tecnológica, e embora continue a ser pedido ao jornalismo que desempenhe a sua função de apoio à democracia, esta precisa de ser alavancada por forças democráticas e cívicas já existentes na sociedade.

Estas apresentações mostram, também, que não existe uma cultura jornalística universal, ideia reforçada pelo estudo internacional sobre “determinantes culturais nas visões profissionais dos jornalistas”, coordenado por George Terzis, da Universidade Livre de Bruxelas. O contacto com jornalistas de 17 países, que não incluiu Portugal, permitiu compreender os valores jornalísticos como uma combinação de valores individuais, organizacionais, nacionais e transnacionais.

Os valores podem ser diferentes consoante, por exem-

Enquanto que os jornalistas mais velhos recusam a aplicação do marketing ao jornalismo, os mais novos, normalmente com formação superior, são mais receptivos a essas práticas

plo, a idade e formação, ou a geração, dos jornalistas. Andersson, da Universidade de Gotemburgo, encontrou na profissionalização crescente dos jornalistas a explicação para uma aceitação cada vez maior da adaptação dos produtos jornalísticos em função de estudos de mercado: enquanto que os jornalistas mais velhos recusam a aplicação do marketing ao jornalismo, os mais novos, normalmente com formação superior, são mais receptivos a essas práticas.

Assim, os valores dos jornalistas parecem ser continuamente negociados não só em relação ao seu papel perante a sociedade e perante a audiência, mas também no seio da organização mediática, face a outros jornalismo e face à classe jornalística como um todo. Num contexto de mudança tecnológica, que provoca alterações nas linguagens, nas rotinas, na organização dos media, o jornalismo mantém ainda os valores que autorizam que se continue a



Line Thomsen, da Dinamarca, levou ao congresso as imagens que estão por detrás das imagens que vemos nos media: as de redacções de televisão do seu país e do Reino Unido. O interessante é que, além de se imitarem entre si, as salas de redacção passaram de quadradas para grandes espaços redondos, onde é possível coordenar as várias funções da nova produção jornalística imposta pelo digital, em novas hierarquias e novos fluxos.

chamar-lhe jornalismo mas não resiste a uma mudança progressiva.

ORGANIZAÇÕES EM REMODELAÇÃO

As organizações mediáticas que acolhem a produção jornalística estão também em transição. A comercialização ou “popularização” e “a convergência ou digitalização” são, uma vez mais, a origem dessas mudanças, diz Frank Boddin, de Bruxelas. Os processos de “cooperação, interacção e negociação” que têm lugar nas redacções e nas organizações mediáticas como um todo tentam conciliar as diferentes identidades e práticas profissionais que existem dentro dessas organizações, em termos de “gestão, organização e espaços”.

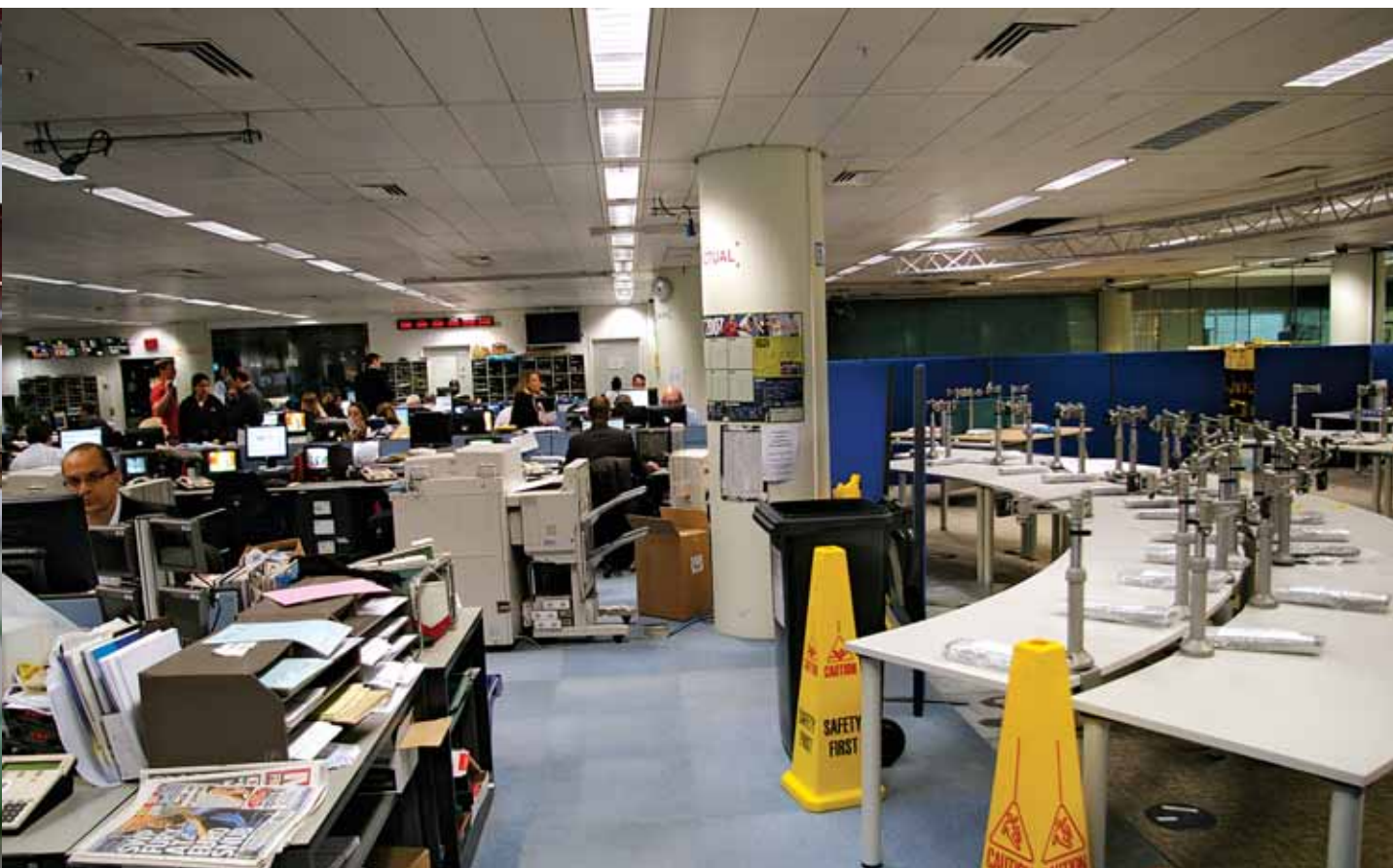
A organização dos jornalistas em secções, a separação entre a produção e a distribuição ou a separação dos meios (televisão, rádio, imprensa) são postas em causa pela tecnologia digital. Estas divisões, que ajudavam também a fundamentar lógicas profissionais distintas, são ainda mais abaladas pela entrada dos utilizadores como actores cada vez mais fundamentais do jornalismo, o que coloca grandes desafios à gestão dos media. Uma redacção digital, diz Davy Geens, da Flandres, pratica um trabalho colaborativo, que faz convergir exigências profissionais, de mercado e sociais sobre os ombros do jornalista,

A organização dos jornalistas em secções, a separação entre a produção e a distribuição ou a separação dos meios (televisão, rádio, imprensa) são postas em causa pela tecnologia digital

Estas mudanças de paradigma do trabalho jornalístico não se conseguem apenas com formação. Constroem-se também através da própria arquitectura dos espaços jornalísticos. Line Thomsen, estudante da Dinamarca, levou ao congresso as imagens que estão por detrás das imagens que vemos nos media: as das redacções de televisão do seu país e do Reino Unido. O interessante é que, além de se imitarem entre si, os centros de redacção passaram de salas quadradas para grandes centros redondos, onde é possível coordenar as várias funções da nova produção jornalística imposta pelo digital, em novas hierarquias e novos fluxos.

Também o serviço público de televisão catalão mudou as suas instalações quando, em 2007, procedeu a uma mudança estrutural para acompanhar a “convergência e a participação da audiência”. O processo, apresentado por um grupo de investigadores de Barcelona, implicou também alteração de nomes, rotinas de produção, decididas pela equipa de gestão, em nome da adaptação aos novos padrões de consumo de media e de uma maior eficiência de produção, o que gerou alguma resistência da parte dos jornalistas, embora não tivesse havido despedimentos.

Da mesma forma que os meios jornalísticos não são imunes à crescente pressão de gestão, não o são à pressão comercial imposta pelas múltiplas plataformas de media,



e isto pode ter consequências também ao nível dos géneros jornalísticos. O investigador de Bruxelas apresentou o caso dos documentários produzidos para o canal público de televisão, cada vez mais criados com objectivo de máxima rentabilização, e uma académica dinamarquesa demonstrou como a grande expansão que o género da sátira tem vindo a conhecer nos meios jornalísticos se fica a dever à sua grande adaptabilidade ao meio digital.

Assim, a tecnologia não provoca por si só as mudanças, mas despoleta reacções dos vários agentes envolvidos no processo de produção jornalística, tendo em conta os seus papéis e identidades.


O QUARTO JORNALISMO?

Além de estudos sobre o impacto da tecnologia digital na profissão, nos géneros, nas organizações jornalísticas (ver também entrevista com Chris Paterson), os estudos do jornalismo dedicaram várias sessões ao jornalismo digital, tentando estabelecer a sua diferença específica. Será este um novo jornalismo ou é o jornalismo como um todo que está a mudar?

João Canavilhas, da UBI (ver texto sobre participação portuguesa), apresentou resultados do seu estudo experimental sobre os níveis de satisfação, compreensão e atitudes face à escrita jornalística em hipertexto. A escrita não-linear, com ligações entre si, não é ainda muito utilizada pelos jornalistas do digital, seja por “falta de tempo, de um modelo organizacional ou pelo medo de não ser bem

aceite pelos leitores”. Este tipo de texto dá mais liberdade e acção ao leitor e parece, segundo o estudo, gerar mais satisfação nos utilizadores. O professor, que detecta um “salto extraordinário no último ano e meio” no jornalismo *online* em Portugal, coloca os utilizadores como o “W” mais importante neste processo informativo interactivo: o *Who*.

Outro estudo, este internacional, aponta que a participação dos leitores nos jornais, que poderia representar “uma estratégia salva-vidas para os jornais em tempos de circulações em declínio”, não está também a ser completamente implementada. Apesar de se registar nos 18 países estudados, a participação dos leitores acontece sobretudo ao nível do comentário e menos ao nível dos conteúdos gerados pelos utilizadores: são os profissionais que continuam “a definir a agenda”, ideia reforçada por outro estudo em nove países, coordenado por Paulussen Steve, da Universidade de Ghent.

Aliás, a relação dos utilizadores com os novos media pode estar a ser sobrevalorizada. Richard van der Wurff, da Universidade de Amesterdão, apresentou resultados de uma análise que comparou jornais holandeses e sítios *online* e questionou estudantes sobre a sua satisfação face a estes meios. A sua conclusão foi que os meios online oferecem formas similares de informação, mas que não retiraram o lugar de meios de massa à televisão e imprensa paga, continuando esta a ser o meio com maior diversidade de notícias. 

Chris Paterson à JJ

Imagens globais

Em tempos de globalização digital, Chris Paterson alerta para o facto de a cobertura noticiosa internacional se estar a tornar ainda mais uniforme

FOTO: ANA JORGE



Chris Paterson, professor do Instituto de Estudos de Comunicação da Universidade de Leeds, abordou o impacto (ou a falta dele) da digitalização na produção global de notícias de televisão. O professor britânico, que se tem dedicado ao estudo do jornalismo internacional, comparou os resultados do seu estudo sobre a Associated Press Television News e a Reuters Television de há uma década com novas observações no ano corrente para avaliar “a evolução digital das culturas de produção noticiosa”. Tendo em conta que as agências noticiosas influenciam bastante a agenda global, o investigador considera de extrema importância analisar estes processos e a forma como a digitalização os tem afectado.

Na verdade, as agências sempre venderam a ideia de que conseguiam “cobrir tudo, em qualquer lugar, a qualquer momento, para todos os media”. Seria de acreditar que, com a digitalização, esse processo fosse ainda mais potenciado: as câmaras digitais, os telemóveis, as transmissões por Internet de qualquer lugar..

No entanto, o que o investigador encontrou foi que os tipos de notícias, as perspectivas cobertas e mesmo os tópicos das notícias televisivas globais eram ainda menos diversificados do que anteriormente. O jornalismo online, em crescimento, parece ser interpretado como uma extensão da produção noticiosa televisiva, não compreendendo a diferença dos seus objectivos e potenciais, e não se contribuindo, assim, para uma verdadeira diversificação da informação.

A inserção de infra-estruturas digitais no jornalismo fez com seja “mais barato e mais fácil fazer reportagens – até para a televisão – de partes remotas e perigosas do mundo”. Mas a cobertura internacional continuam a ser

encarecida por viagens, tradução, alojamento e outras despesas, o que colide com a diminuição dos orçamentos das agências.

O autor vê com preocupação esta diminuição da diversidade da informação internacional, que é uma realidade apesar de existirem “muitos canais televisivos e a Internet”. Esta diversidade da informação é ainda mais ameaçada, segundo Paterson, pela violência contra jornalistas, “no Iraque em especial, onde jornalistas de agências noticiosas e jornalistas locais foram sujeitos à violência mais atroz pelas próprias forças que dizem defender a liberdade”.



A PRODUÇÃO DE NOTÍCIAS ONLINE

As redacções jornalísticas dos meios *online* são o território explorado pelo livro *Making Online News: the Ethnography of New Media Production*, que Chris Paterson editou, com David Domingo, em Maio do ano passado. “Muita da pesquisa mostra que muito do entusiasmo e da retórica sobre as notícias *online* são bastante diferentes das vividas pelos profissionais”,

adianta o co-editor.

Com estudos nos EUA, no Reino Unido, Alemanha, Espanha, Argentina, Austrália e China, o livro procura identificar diferenças entre o trabalho dos jornalistas *online* dos tradicionais e as consequências que tal representa para o tipo e a qualidade de notícias na Internet. Se a Internet foi anunciada como a solução para alguns dos males do jornalismo, os resultados destas pesquisas mostram que há muitos factores condicionantes para o desenvolvimento das notícias *online*. Por exemplo, entre as possibilidades da Internet, os jornalistas do *online* exploraram mais a imediatividade do que propriamente a interactividade para chegar ao diálogo com a audiência. ■

A participação portuguesa

Foram 20 as comunicações apresentadas por académicos portugueses nas várias secções temáticas do congresso da ECREA

João Canavilhas viajou da Universidade da Beira Interior para Barcelona e encontrou uma participação portuguesa “proporcional à dimensão do país”, mas com grande qualidade: a “investigação portuguesa nesta área está ao nível do que melhor se faz na Europa”. Igual avaliação faz Ana Horta, investigadora de pós-doutoramento do Instituto de Ciências Sociais. “Foi um congresso muito concorrido em termos de propostas de comunicação enviadas e um grande número delas não pôde ser aceite. A quantidade de comunicações portuguesas que foram aceites é um bom indicador do reconhecimento internacional da nossa produção científica.”

Sara Pereira, da Universidade do Minho, considera que “Portugal teve uma representação significativa na conferência”, com “investigadores de várias Universidades portuguesas” e em várias áreas científicas. Helena Mendonça, jornalista e estudante de doutoramento no ISCTE, mostrava-se surpreendida com esta participação no Congresso, assim como Cláudia Álvares. Esta professora da Universidade Lusófona destacava a representação na secção a que preside, a de Género e Comunicação, atribuindo este nível de participação “à política portuguesa de investimento na investigação”.

Além de Cláudia Álvares como presidente da secção de Género, os estudos de comunicação portugueses estão já representados na associação ao nível das secções temáticas também com Anabela Carvalho, da Universidade do Minho, como presidente da secção de Comunicação em Ciência e Ambiente; e com Cristina Ponte, da Universidade Nova de Lisboa, com funções de vice-presidente da secção de Estudos de Audiências e Recepção.

ESTÓRIAS PARA CONTAR

As apresentações destes académicos portugueses podem ajudar-nos a compreender melhor alguns dos traços do jornalismo português e das suas mudanças.

João Canavilhas, que tem investigado a questão da linguagem para o jornalismo na *web*, apresentou resultados de um trabalho experimental com hipertexto, na secção de Estudos de Jornalismo. A leitura de notícias na forma tradicional do impresso, em texto corrido separado por intertítulos, e na forma de vários textos ligados entre si por *links* mostrou que “os utilizadores consideram que a redacção hipertextual é inovadora e adequada à *web*, con-

tribuindo ainda para que compreendam melhor o conteúdo, o que os deixa mais satisfeitos”.

Cláudia Álvares, que apresentava resultados do seu projecto sobre a representação discursiva do feminino no *Público* e no *Diário de Notícias*, concluiu que, embora ambos os jornais defendam a não ingerência na esfera privada dos cidadãos, “o *Diário de Notícias* revela uma maior permeabilidade a assuntos relacionados com a esfera privada do que o *Público*, operando-se por vezes naquele jornal uma fusão entre privado e público”. No entanto, os jornais aproximam-se quanto à representação da mulher da esfera pública, centrado nos ‘direitos’ como uma afirmação de autonomia e igualdade femininas.

Já a investigação sobre energia conduzida por Ana Horta permitiu concluir, com base em entrevistas a jornalistas, fontes e observadores privilegiados, que “os jornalistas estão muito atentos à necessidade de abordagem dos assuntos relacionados com a energia de uma forma bastante mais complexa e multidisciplinar do que era habitual até recentemente, em que a energia era considerada numa perspectiva estritamente económica e empresarial”. Na verdade, a crise económica tem pressionado uma “revolução energética” e o jornalismo tem, neste contexto, “um papel crucial” em conferir uma atenção redobrada e séria ao tema da energia, que “extravasa as secções de economia, sem dramatizar excessivamente os aumentos de preço do petróleo”, informando os cidadãos das mudanças na produção e consumo de energia.

Na mesma área de comunicação e ciência, Helena Mendonça analisou notícias sobre ciência e entrevistou jornalistas e cientistas, observando a sua cooperação e constatando a compreensão que este grupo parece deter face às regras e constrangimentos do trabalho jornalístico.

Sara Pereira apresentou uma comunicação sobre as percepções das crianças sobre a programação televisiva que lhes é dirigida pelos canais generalistas. A professora da Universidade do Minho considera que as crianças constituem “um público significativo ao nível da programação e produção televisiva mas, ao nível de programas de informação, de actualidade, tem havido pouco investimento por parte dos canais generalistas portugueses”. A televisão “continua a ter um papel central na vida das crianças”, mas “as televisões não se têm deixado desafiar pelo público mais jovem” e investido na actualidade informativa para as crianças. ■